

Debate traz à tona corporativismo

Alguns erros dos médicos seriam acobertados, assim como as faltas ao trabalho

MARIA LÍGIA PAGENOTTO

O debate em torno do PAS trouxe à tona, como em raras ocasiões, a discussão sobre o corporativismo da classe médica. Supostos erros da categoria, por exemplo, seriam acobertados em nome do corporativismo, assim como as habituais faltas a plantões em hospitais públicos.

Os médicos — que segundo mentores do PAS se protegeriam em detrimento dos interesses da população — foram chamados de vagabundos pelo prefeito Paulo Maluf e de corporativistas pelo secretário municipal da Saúde, Roberto Paulo Richter. “A gente não tem como mandar embora os médicos que não querem trabalhar, porque se eles faltam a um plantão, alegam que ficaram doentes e arru-

mam um atestado com um colega”, disse Richter.

Entidades que representam a categoria não demoraram a reagir. O presidente do Conselho Regional de Saúde do Estado de São Paulo (Cremesp), Pedro Henrique Silveira, garante que, “de longe” a categoria é corporativista.

“Em dez anos, cassamos o diploma de 16 médicos por infração a um dos artigos elencados em nosso Código de Ética Médica”, afirma Silveira. Na sua opinião, cada vez que uma pena médica é aplicada, a sociedade ganha com isso. “De 1990 a este ano, do total de denúncias recebidas pelo Cremesp, 1.243 viram processos”, diz.

Segundo o diretor de defesa profissional da Associação Paulista de Medicina (APM), Florisval Meirão, a categoria nunca se posicionou contra o julgamento de médicos que erraram. O presidente do Sindicato dos Médicos, Tito Nery, é mais taxativo. “Falta no serviço público quem cobre do médico sua presença e isso é uma tarefa da so-

**EM DEZ ANOS,
16 DIPLOMAS
FORAM
CASSADOS**

1.067

denúncias de negligência
foram feitas ao Cremesp
entre junho de 1994
e junho de 1995

352

das 1.067 reclamações se
referem à falta de cobertura
pelos planos de saúde e 253 à
relação médico-paciente

1.152

reclamações foram feitas
ao Cremesp no período
de julho de 1995 a
fevereiro de 1996

16

é o número de registros
médicos cassados
pelo Cremesp entre
1985 e 1995

cidade”, afirma. “Um médico deve fiscalizar o outro e a comunidade tem de aprender a cobrar seus direitos.”

O professor Irineu Tadeu Velasco, um dos diretores do Hospital

das Clínicas (HC), garante que não há corporativismo capaz de vencer o argumento de um médico que falte ao plantão sem motivo justo. “Só os incompetentes querem se proteger”, acredita Velasco.